



FOTO: ARQUIVO

O software é o caminho

O planejamento integrado para uma política industrial deve considerar os objetivos que queremos atingir: desenvolver, na indústria, ciência e tecnologia com vistas ao que queremos ser como país daqui a dez ou 20 anos.

Algumas premissas devem ser lembradas e devem servir de arcabouço para este planejamento, a saber: infraestrutura é um meio, e não um fim em si, e nesta condição não deve ser a razão ou o objetivo para qualquer iniciativa; qualquer plano deve se orientar para o resultado em termos de desenvolvimento do País, melhorias para os cidadãos e maior inserção do país no cenário internacional como protagonista de relevo. Um plano integrado deve reunir ações que propiciem um desenvolvimento industrial como oportunidade de criação de emprego, riqueza e divisas. Portanto, deve buscar uma indústria atualizada e com tendência à liderança, competitiva para participar do mercado global, e não apenas satisfazer às demandas do mercado interno. Deve incluir ainda ações que estimulem a pesquisa nas universidades e nos centros de pesquisa, lembrando que a pesquisa de hoje nos trará liderança tecnológica no futuro.

O Brasil precisa aumentar significativamente sua produção científica, e o registro de patentes é uma medida palpável desta produção. Os centros de pesquisa associados à indústria e às universidades poderão acelerar o processo de transformação desta produção científica em produtos aptos para o consumo. Componentes são importantes. Mas talvez, hoje em dia, a nossa estratégia devesse visar tornar o Brasil um centro de excelência de produção, requisitado por todas as empresas que hoje definem alguns poucos centros globais de produção e desenvolvimento de componentes, quer pelas facilidades fiscais, logísticas ou de mão de obra qualificada. Neste último ponto, é preciso atacar com vigor a ineficiência do país, reduzindo drasticamente a burocracia e melhorando, em muito, a eficiência da nossa Justiça.

Precisamos dedicar atenção especial ao software. Software é componente e é produto ao mesmo tempo. Está em todos os segmentos, quer como parte do produto ou como ferramenta que torna a gestão ou o seu uso mais eficaz. É parte do planejamento de redes e de empresas e instrumento sine qua non de controle e administração. Pensar em política

industrial e tecnológica sem pensar no software e sem criar mecanismos de incentivo e formação para o software é o mesmo que esquecer um pé de um piano. Indústria, componentes, software e tecnologia andam juntos e fazem parte da solução.

Os sistemas de operação (OSS) e os sistemas de negócio (BSS) são parte integrante do negócio de telecomunicações, e as operadoras, cada vez mais, deles dependem para o bom gerenciamento das redes (cada vez mais complexas) e eficiente administração de suas receitas. Os sistemas administrativos e financeiros são de uso geral, mas sem dúvida as operadoras de telecomunicações são grandes usuárias destes softwares, por se tratar de empresas com uma base muito grande de assinantes e um volume crescente de investimentos.

Finalmente, cresce a demanda por aplicativos para os aparelhos celulares, que invadem todos os ramos de atividade: do entretenimento à propaganda, chegando a aplicações de pagamento, onde o software e a capacidade de desenvolvimento destes aplicativos são a chave do sucesso. A demanda de software para telecomunicações, desde os softwares para operação, manutenção e gerência, planejamento de redes, OSS e BSS, passando pelos sistemas de billing até os softwares administrativos, de inventário aos aplicativos para celulares para uso dos clientes, todo este universo mostra que a gama é muito grande e é uma área ainda não consolidada, em que muito se pode fazer e empreender.

Também no software, como nos demais ramos desta indústria de telecom, a demanda é por empresas que tenham a capacidade de oferecer soluções globais e que possam oferecê-las em todas as partes, pois as operadoras são cada vez mais globais.

Ou seja, uma política para software deve ter em mente que não podemos fomentar um feudo. Temos que buscar soluções que levem os nossos empreendedores a depois se tornarem empresas de alcance global. Não é eficaz uma política baseada em incentivos fiscais cujas contrapartidas sejam efêmeras.

É verdade que alguns segmentos, tal

como o de softwares administrativos, tendem a uma consolidação, e vimos nos últimos anos fusões e aquisições em todo o mundo. Mas ainda existem empresas nacionais, mais desenvolvidas e consolidadas, e há exemplos de indústrias de software que se desenvolveram aqui e acharam seu caminho para se globalizar, tanto em softwares de projeto como em softwares para administração, se transformando em empresas de alcance regional ou global, e temos visto movimentos de fusões relevantes nesta área aqui no Brasil.

Os projetos para desenvolver a indústria de software para teleinformática no Brasil não devem ter como único objetivo desenvolver software nacional. Devem tornar o país um centro de excelência, pela capacitação das pessoas e pelas facilidades. Devem transformar o Brasil em um centro atrativo e dis-

putado, competindo diretamente com a Índia (que assim começou e hoje já exporta grandes empresas nesta área).

Em primeiro lugar, temos que ter mão de obra qualificada. Temos que olhar as universidades e escolas de nível médio, dar ênfase ao desenvolvimento de software, sua programação, linguagem etc. Temos material humano, mas quando alguém procura programadores, engenheiros de sistemas e desenvolvedores, é difícil competir com a Índia, que tem pessoal capacitado em abundância e barato.

A mão de obra, devido às leis trabalhistas, é cara. A Justiça trabalhista cria passivos não administráveis às empresas, com tramitação extremamente lenta, o que acaba afugentando as empresas globais, que não se animam a colocar centros mundiais aqui no Brasil.

Em resumo, há espaço para que se desenvolva uma indústria de software no Brasil com foco em telecom e TI, mas é preciso que se busque este objetivo com uma visão de mercado global. Temos um conjunto importante de oportunidades se avizinhandos, e se as tratarmos de forma integrada, será a oportunidade de ouro para o país.

HÁ ESPAÇO PARA QUE SE DESENVOLVA UMA INDÚSTRIA DE SOFTWARE NO BRASIL COM FOCO EM TELECOM E TI, MAS É PRECISO QUE SE BUSQUE ESTE OBJETIVO COM UMA VISÃO DE MERCADO GLOBAL